

ENSAIO ACERCA DE INQUIETAÇÕES FILOSÓFICAS: TRÊS DOCENTES ATRAVESSADOS PELA EXPERIÊNCIA DO ENSINO REMOTO

*Felipe Barreto Santana**

*Joilson Luiz de Oliveira***

*Nathalia de Oliveira****

INTERTEXTO (BERTOLT BRECHT)

Primeiro levaram os negros Mas não me importei com isso Eu não era negro	Depois agarraram uns desempregados Mas como tenho meu emprego Também não me importei
Em seguida levaram alguns operários Mas não me importei com isso Eu também não era operário	Agora estão me levando Mas já é tarde. Como eu não me importei com ninguém
Depois prenderam os miseráveis Mas não me importei com isso Porque eu não sou miserável	Ninguém se importa comigo.

* Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do ABC. Licenciado em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2017). Professor da Rede Privada de Ensino. felipesantana.tmx@gmail.com

** Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do ABC. Professor da Rede Estadual de Ensino. Licenciado em Filosofia pela UNISO. filosoficio@gmail.com

*** Mestranda em Filosofia na Universidade Federal do ABC. Diretora de Relações Pedagógicas da APROFFIB. Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2019). Licenciada em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo (2014). Professora da Rede Estadual de Ensino. nathaliadeoliveira@outlook.pt

RESUMO

O presente ensaio é fruto das inquietações e aflições que transpassam as vidas de professores e professora de filosofia, coetâneos da pandemia de COVID 19 que acomete os nossos dias. Devidamente isolados, esparramados em diferentes cidades paulistas, escrevemos a seis mãos este trabalho na tentativa de reflexionar acerca das questões que emergem em decorrência da atividade professoral em um cenário pandêmico. A preocupação com o ensino de filosofia durante a pandemia, é o que nos une. Todavia, as questões que surgem a reboque do status quo, também encontrar-se-ão presentes em nossa construção reflexiva. A contrapelo escrevemos, num ato de resistência aos dias sombrios que (sobre)vivemos, tendo como objeto a nossa própria prática e para quem sabe, conseguir dar novos sentidos à nossa subjetividade.

Palavra-chave: Filosofia. Educação. Experiência. Ensino de Filosofia. Isolamento. Corpos docentes. Pandemia.

ATENÇÃO: essa trama a que nos propomos segue num caminho que se constitui tecido a seis mãos, indo e vindo nos limites e possibilidades refletidas no estímulo de nossas experiências vivenciadas na urgência do tempo que nos aflige, as vezes pensadas enquanto movimento de introspeção, mas sobretudo tecendo considerações coletivas.¹

06 de abril de 2020. Acordar e saber que a sala de aula, está na tela do celular assusta. Há duas semanas acordávamos e encontrávamos uma sala de aula cheia e agitada. Agora esperamos retorno através da tela do celular. Tela esta que quase não fica desligada. A todo momento chegam novas mensagens e e-mails. Mas não são dos nossos discentes. São *lives*, videoconferências, preenchimento de papéis e burocracias. Mas onde estão os estudantes?

Em meio a política de morte. Diante de um Estado que mata ou deixa morrer algumas burocracias gritam a falta de sentido. A cobrança de roteiros de estudos, gravação de vídeo aulas e o cumprimento do bimestre. Quais experiências são fundamentais para a nossa época?

A casa hoje é a extensão da sala de aula. Os sinais sonoros dos aparelhos eletrônicos, substituem as vozes me chamando e a mão

¹ Escrita inspirada no texto: *Escreleituras* (2014): – Sandra Mara Corazza.

estendida. Acordo e tem mensagem no celular: recebi das 3h07m. – Professor(a) qual meu número da chamada?

Doze horas na frente do computador. Entre o preparar aulas, tirar dúvidas, fazer reuniões online, nos deparamos com diversas questões. Questões para além dos “conteúdos”. Resultados positivos para o Covid-19. Familiares desempregados. A fome escancarando a porta. Esses fatores incomodam: “Ninguém está em condições de pensar em roteiros de estudos e cumprimentos de prazo” Diante do fim do bimestre, do prazo que se aproxima, a caixa de email e whatsapp lotam. “Pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. (LARROSA, 2002, p.21)

Como fazer filosofia nesse momento? Como fazer filosofia enquanto sentem fome? Como fazer filosofia enquanto seus familiares e amigos morrem? Será possível filosofar em meio a pandemia?

Sempre fica a pergunta. Qual(is) filosofia(s) chega(m) aos discentes? Será possível seguir currículos em meio a pandemia? O que essa experiência que estamos vivendo contribui com o filosofar?

Como valorizar a experiência nesse processo? A experiência que tratamos aqui, não é a experiência que se adquire com a prática. Mas, a experiência que transforma o sujeito. O que mais temos escutado nesse contexto é que não seremos o(s) mesmo(s) após essa pandemia. Mas, será que basta não sermos os mesmos? Que outros seremos?

Como sermos sujeitos de transformação diante das burocracias vividas? Qual lugar da filosofia em meio ao caos pandêmico? Dentro da pressa, da falta de tempo, do excesso de trabalho e afazeres? “A experiência é cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo que se passa, passa demasiadamente depressa.” (LARROSA, 2002, p. 21)

É na contramão dessa pressa exacerbada que ousamos cogitar que se flua encontros, possibilidades de abrir novas arestas, fendas inusitadas, vias que até mesmo jamais podíamos imaginar até então. Entretanto, sob essas injunções do acaso nos encontramos a seis mãos para elaborarmos proximidades, não obstante a distância que nos obriga ao isolamento físico, aproveitamos essa tentativa para vislumbrar horizontes promissores à realização de troca de ideias, compartilhando vivências, tecendo laços consistentes que componham uma teia de ex-

periências que possam ser apresentadas enquanto acontecimentos que nos forcem a pensar, oferecendo sentido e significado a esse panorama singular no qual estamos inseridos.

Todavia, para enfrentarmos essa preponderância da velocidade em detrimento de certa dose de paciência necessária ao pensamento e a reflexão, precisamos nos ater ao moroso caminho dos “homens lentos”, tal qual já enfatizava o grande geógrafo brasileiro Milton Santos.

Durante séculos, acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. A literatura que glorifica a potência incluiu a velocidade como essa força mágica, potencial que, conseqüentemente, permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a “sua” civilização para o resto do mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade elogiada por Virílio em delírio, na esteira de um Valéry sonhador. Quem, na cidade, tem mobilidade — e pode percorrê-la e esquadrihá-la — acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem, exatamente, do convívio com essas imagens. Os homens “lentos”, para quem tais imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações. (SANTOS, 1996, p. 260-261)

A velocidade e as “pressas” estão articuladas ao que Milton Santos chamou de racionalidade global. Por sua vez, a lentidão e os denominados “homens lentos” estão ligados à ordem local. Entretanto, seria de suma relevância refletirmos sobre a presença insidiosa — e fortemente contaminadora — da racionalidade global na estruturação e movimentos da ordem local, especificamente no que tange a questão do âmbito da educação.

Milton Santos preferiu dizer que na ordem local prevalece a comunicação em razão da “co-presença, vizinhança, intimidade, emoção e socialização com base na contigüidade.” (SANTOS, 2005, p. 170). Na ordem global, por sua vez, prevalece a informação que circula. Há uma distinção nítida entre informação que circula e diálogo potencializado pela proximidade. Por sua vez, é na descoberta das fabulações que os

homens lentos escapam do totalitarismo da racionalidade. Aqui estamos nós, inventando escaparmos a essas submissões.

A velocidade desloca, desampara e desprotege. O mais displicente, talvez, para utilizar o adjetivo empregado por Milton Santos em 1956, seja o mais atento: o que recolhe detalhes e experiências do mundo. A lentidão permite mais experimentação e, conseqüentemente, uma hipertrofia da visão, da imaginação e da criatividade. O estado dos homens lentos de Milton Santos pode ser também compreendido como o estado singular no qual nos encontramos perplexos e aparentemente imóveis, embora estejamos devidamente atentos, concentrados, e alertas para pensar essas experiências adversas.

A imobilidade, aqui, tem como referência o estado de velocidade extrema e a imposição do estado cultural da pressa, imposta pelo sistema capitalista atingindo implacavelmente nosso sistema educativo de modo significativo. Trata-se de uma inércia que, tensionada, em decorrência da vigília, ameaça se romper. Uma imobilidade efêmera, circunstancial, relacional e que acumula energias através da experimentação do mundo no cotidiano da cidade da pressa. Trata-se, portanto, de buscarmos uma lentidão sábia, inteligente, sensível, subjetiva porque pertencente ao sujeito que experimenta vigilante, tenso, atento, cuja experiência possa realmente ser objeto de reflexão.

Nesses termos, podemos tecer considerações plausíveis que nos faça refletir sobre a presença em nossa condição de trabalho uma lentidão possível de ser cogitada, cuja dimensão sábia está envolvida por uma exterioridade veloz — provocadora de desamparos, desequilíbrios e cegueiras —, em cujas cartografias, por ela desenhadas, não há norte e, tampouco, qualquer orientação de sentido.

Entretanto, ainda, poderemos conceber a presença de uma esperança audaciosa, de uma lentidão que é mesmo vagarosa, mas que, atenta esteja constituída de uma reflexão sobre nossas próprias experiências. Nossa ideia caminha na direção de outro modo de pensar a docência e, talvez, por isso, na direção contrária e, conseqüentemente, mais desejada, ao menos repleta de possibilidades ainda por serem vivenciadas, pensadas e compartilhadas.

Nesse cenário nos encontramos enquanto professores imersos em um contexto adverso que implica um posicionamento inexorável.

Essa nossa intenção de construir proximidades, mesmo diante desse isolamento social, lança um olhar atento a essas circunstâncias jamais experimentadas e que agora se faz urgente. Nossa condição está atrelada a essa busca por uma lentidão que consiga ser, concomitantemente reflexão e revisão de nossas próprias práticas docentes.

Disso resulta que almejamos uma consciência que nos permita de fato repensar o que significa ser professores de filosofia nesse contexto. Dada essa possibilidade de desacelerarmos, numa atitude que seja também contraponto aos desafios por nós enfrentados em nosso cotidiano transformado nesse panorama. Logo, se procuramos uma lentidão, estamos efetivamente construindo uma visão crítica do processo educativo no qual fomos lançados a nossa revelia.

Nossa atitude é lenta porque precisa ser curtida, na paciência necessária exigida pela experiência refletida, efetivamente pensada. É essa tal morosidade que reclama por mais lentidão como virtude porque a sabedoria é feita de um tempo que flui sem atropelos, num vagar onde o pensamento possa germinar, cujo processo de elaboração desse caminhar seja feito de passo a passo. De modo algum, portanto, pode-se dizer que é lenta porque já é passada, tardia, porque já findou o tempo, ou porque é preciso rapidez para se evitar o atraso. Trata-se no oposto. É a pressa que reflete que estamos atrasados e que não há tempo para nada. É a velocidade e a pressa que traduzem nosso tempo, pelo qual todos reclamam, deixou de existir, sem ao menos pensarem sobre suas experiências. Desejamos, a contrapartida, remando contra a maré nesse fluxo agressivo no qual estamos presos nesse processo de ensino a distância, ou seja, uma parada para pensar, um repouso, um oásis ao pensamento e à reflexão.

Jorge Larossa e Milton Santos estão nesse sentido relacionados a nossa proposta de concebermos uma possível reflexão sobre nossas próprias experiências docentes, perante as agruras que as circunstâncias adversas dessa pandemia provocaram, desejamos um momento oportuno para revermos nossa situação de professores, pesquisadores sujeitos a esse processo de transição e virtual transformação de nossa condição humana.

Condição essa que nem conseguimos nomear. Alguns insistem em chamar de EAD, outros afirmam ser trabalho remoto, home office. Mas

arrisco dizer que não é nenhuma dessas opções. Ensino a distância por mais divergências e problemas que possam ter, possuem um projeto pedagógico. A situação que estamos vivendo não é possível nomear. Professores da rede estadual de ensino deixaram de ser professores especialistas, professores temáticos, e tornaram-se professores tutores. Que acompanham aulas via aplicativos e canal televisivo, e avaliam e orientam um grupo de discentes. Não há diálogo, apenas imposição do que deve ser feito.

Vinte de agosto de dois mil e vinte. Fazem alguns dias que o professor acordou sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num ser monstruoso. Porém, fora apenas hoje, numa tarde fria e chuvosa, em meio aos gritos eloquentes proferidos por mulheres que recusam o uso de máscaras, clamam fervorosamente à Messias por “chuvas de bênçãos” e comprimidos de hidroxocloroquina. Estamos em meio a uma pandemia

São exatamente cento e cinquenta e sete dias longe do espaço físico escolar. No dia dezesseis de março do ano vigente, iniciaram-se as atividades virtuais. Encarei com certo entusiasmo a possibilidade de lecionar remotamente, afinal, esta me parecia a única forma segura de continuar a atividade docente na conjuntura calamitosa. Hoje, mais de uma centena de dias depois, o professor pesquisador encontra-se solapado, exaurido, combalido e inquieto.

Com o advento das aulas virtuais, fora exigido a mim uma nova forma de ser professor. Frente a uma câmera de resolução questionável, exposto aos ruídos provenientes dos carros que ao menos seis vezes ao dia, anunciam em alto e bom som “trinta ovos por dez reais”, dos estrondosos roncões de motores das motos que transitam “tirando de giro” na rua de minha casa, ministro minhas aulas. Tenso, com uma constante dor intestinal, torcendo para que minha cadelinha não comece a latir no momento que discuto algum conceito filosófico.

Já são cinco meses imerso nessa conjuntura. Neste intervalo de tempo, fui testemunha da anulação e transformação de minha identidade. Encaro com uma certa tranquilidade a questão da transformação quando a analiso à luz da filosofia de Heráclito. É a mim reconfortante compreender que tudo estaria sujeito a um a um eterno devir, um

processo de constante mutação. Entretanto, quando penso na transformação sob a ótica de Parmênides, rememorando a célebre sentença “o ser é, o não ser não é” e, observando as mudanças que permeiam o meu ser durante esses cinco meses marcados pela docência virtual, desespero-me. “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso” (KAFKA, 1997, p. 6).

Parafraseando Kafka, quando certa manhã professor acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se metamorfoseado. Assim como Gregor Samsa, ao acordar numa manhã comum, percebi as mudanças que assolaram o meu corpo nesse quase um semestre de atividade docente virtual. Sinto fortes dores nas costas, fruto das horas a fio que passo sentado em frente ao computador. Pela mesma razão, acabei por acarretar (ou acelerar) a incidência de astigmatismo em minha visão, fazem alguns dias que estou a utilizar óculos. Dores de cabeça, uma dor incessante na região abdominal e altos níveis de ansiedade que resultam no agravamento de minha gagueira, são outros impactos do novo contexto docente.

A prática docente, na sociedade contemporânea, tem sido influenciada por diversos fatores, como cobranças por rendimento, longas jornadas de trabalho, a desvalorização social do professor, relações conturbadas com alunos e demais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. A escola como parte da estrutura social carrega, também, a marca capitalista da produtividade. E o corpo do professor depara-se com essa estrutura, sofrendo as cobranças advindas da valorização excessiva do rendimento [...] (ANACLETO, 2015p. 32).

Combalido, agitado e efusivo, envolto em elucubrações, penso no professor Jorge Larrosa. Em meio à uma situação limite, expressa nas revoltas universitárias que permeavam o processo de aprovação da Declaração de Bolonha, escreve “Fim de partida. Ler, escrever (e talvez pensar) em uma Faculdade de Educação”, contido no livro *Tremores* (2015). Na ocasião, o autor mostrava-se insatisfeito com o que ele denominou como “a universidade que vem”. Todavia, o seu descontentamento não se caracterizou em algo inerte. Larrosa se pôs a pensar:

O que tenho não é muito, mas pode servir para começar. Três palavras: universidade, filosofia, educação. Um estado de ânimo: tristeza, raiva, impotência. Uma delimitação espacial: um interior sem móveis. Uma anotação temporal: o que acontece, esse algo que segue seu curso implacável, irremediável, irremediavelmente alheio, que poderíamos chamar de “a universidade que vem”. (LARROSA, 2015, p. 124).

O isolamento social e as aulas na modalidade EAD fazem parte do curso ordinário e implacável das coisas em nossa atual conjuntura. Me atendo a este fragmento e penso: como mobilizar as minhas insatisfações e todo sofrimento que surgem em decorrência das atuais contingências, em algo que agencie uma resposta, uma outra perspectiva, frente a tudo o que está acontecendo? O que tenho não é muito, mas será que pode servir para começar?

No Home Office há um espaço, um preparo, ferramentas. Hoje não temos nada disso! Nossas cozinhas e quartos tornaram-se a sala de aula. Nossos celulares pessoais, desprovidos de 3G e Wi-fi foram transformados em ferramentas de trabalho.

Nesta pandemia podemos experimentar como o Estado geri as vidas e mortes. Se Michel Foucault denunciava os dispositivos da Biopolítica, Achille Mbembe, deixa evidente que alguns corpos o Estado mata, outros deixa morrer. Nesse contexto fica evidente a “necropolítica” e os “corpos que importam” corpos que têm direito ao luto, a despedida. Esses corpos não são das nossas famílias, dos nossos colegas e discentes. Aqui sentimos esses conceitos na carne. As experiências produzidas pela pandemia está para além das reuniões virtuais, e aulas por aplicativos. A experiência que poderia ser vivida na pandemia é negligenciada. A pandemia colocou uma lupa em diversos problemas existentes, no entanto nosso modelo de ensino não tem permitido acessá-los, problematizá-los e expô-los.

Judith Butler nos chama atenção para os corpos que importam. Para os corpos que o luto e a despedida são permitidos. Corpos que são enlutáveis, e quais não são. “Há sujeitos que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há vidas que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas” (BUTLER, 2016, p. 17).

A pandemia tendo colocado luz em questões que já nos assolavam, mas insistíamos em não olhar. Assim como Bertolt Brecht, por muito tempo nos esquivamos de enxergar e elaborar sobre as questões que já acometiam os corpos docentes. Apenas agora, após sentir na pele os piores dissabores deixados pelo nosso exercício na pandemia, nos sentimos inquiridos a escrever.

Nesse contexto as desigualdades gritam: pessoas passam fome, mulheres deixam os estudos para dar conta dos afazeres que a sociedade diz que é dela. Agora está escancarado quais são os corpos que estão mais vulneráveis e expostos a essa pandemia. A filosofia que poderia ser o local de encontro e fala sobre essas questões vê-se impossibilitada da reflexão dentro das condições remotas. Ser negra(o), ser mulher, ser LGBTQIA+, ser povo originário e tantas outras resistências presente em nosso país está intimamente ligado com as condições que teremos. Apesar do *modus operandi* educacional, nós professores precisamos possibilitar experiências e diálogos a partir de nós.

É pensando na ideia advinda da concepção de experiência apontada por Larrosa, segunda a qual o excesso de trabalho aparece como um empecilho para que a experiência aconteça. Essa provocação remete também à Milton Santos quando alerta para o assédio da supremacia da velocidade, presente da exigência dos “homens velozes” enquanto aquilo que deve ser valorizado.

Diante disso ficam abertas diversas questões: o que é possível a partir do ensino de filosofia? De que maneira ensinar filosofia contribui para o enfrentamento diante de questões adversas? Como será a sala de aula após nossos corpos afetados por essa pandemia? Nossos corpos suportarão as condições impostas (o excesso de trabalho) a eles nesse contexto de ensino remoto?

Parafraseando a banda “Plebe Rude”, em um país cujo o governo tem como lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, ficamos com a indagação: Até quando esperar, o corpo docente ajoelhar, esperando a ajuda de Deus?

REFERÊNCIAS

ANACLETO, Raquel da Silva. O professor e seu corpo: os ossos do ofício. Reflexos da prática pedagógica. [S.l.] [s.n.] Dissertação (Mestrado Educação) - Programa de Pós-graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015.

BRECHT, Bertolt. Poemas 1913-1956. Editora 34. 6ª Ed. São Paulo.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CORAZZA; Sandra. M. RODRIGUES; Carla. G. HEUSER Ester M. Dreher; MONTEIRO. Silas B. (2014). Escriteiras: um modo de ler-escrever em meio à vida. *Educação E Pesquisa*, 40(4), 1029-1043. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022014121435>

KAFKA, Franz. A metamorfose. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

___ Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr. 2002.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: EDUSP, 2005 [1994].